

Tornar-se Pais: Sobre a Expectativa de Jovens Adultos¹

Mariana Gouvêa de Matos²

Andrea Seixas Magalhães³

Resumo

O adiamento do projeto de ter filhos, que tem resultado na maternidade e na paternidade tardias, sobretudo nas camadas médias da população brasileira, é um fenômeno recente. Neste trabalho, propõe-se discutir a expectativa de jovens adultos frente ao tornar-se pai e mãe na atualidade. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados quatro jovens adultos, dois homens e duas mulheres, dos segmentos médios da população carioca. Da análise dos discursos dos entrevistados emergiram quatro categorias: tempo biológico; estabilidade financeira; o lugar do pai; o momento perfeito para tornar-se pai e mãe. Os resultados apontam para uma idealização do momento perfeito para tornar-se pais e para uma disjunção entre as demandas sociais e as limitações biológicas frente à procriação.

Palavras-chave: parentalidade; jovens adultos; contemporaneidade.

Becoming Fathers: The Expectations of Young Adults

Abstract

The postponement of the project of having children, which results in late motherhood and fatherhood, especially for middle-class Brazilians, is a recent phenomenon. The aim of the present study is to investigate the expectations of young adults in relation to becoming fathers and mothers today. In order to meet this goal, a qualitative research was conducted, in which four young adults were interviewed. Participants were two men and two women from carioca middle-class. From the discursive analysis of interviews four categories emerged: biological time; financial stability; father's place, and the perfect moment to become fathers and mothers. Results point to idealization of the perfect moment to become fathers and mothers, as well as to a disjunction between social demands and biological limitations in the face of procreation.

Keywords: parenthood; young adult; contemporary.

Introdução

Na atualidade, legitimam-se modelos socioculturais com pouco espaço para a frustração, para a falta, para a limitação da realização de desejos, na medida em que se valoriza um ideal de liberdade

¹ Este artigo é produto da monografia do curso de Especialização em Terapia de Família e Casal da PUC- Rio.

² Especialista em Terapia de Família e Casal pela PUC-Rio, mestranda em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, bolsista CNPQ.

³ Professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio), Pesquisadora CNPq; Psicoterapeuta de Família e Casal.

individual extrema, segundo o qual tudo tende a ser substituível, descartável, inclusive os relacionamentos. Os preceitos do individualismo se consolidaram, tornando-se características importantes das sociedades ocidentais contemporâneas (Bauman, 2004; Giddens, 1993; Lino, 2009; Rodrigues & Abeche, 2010; Singly, 2007; Vieira & Stengel, 2010).

Giddens (1993) atribui às reivindicações feministas um movimento de reestruturação da intimidade nas sociedades ocidentais atuais. As mulheres, em busca de emancipação, promoveram modificações nas estruturas de poder, contribuindo para a emergência do que o autor denomina *relacionamento puro*, que preconiza a autonomia individual, com base no respeito e confiança mútuos. Bauman (2004), ao discutir o *relacionamento puro*, classifica-o como frágil e dependente da conveniência dos parceiros, considerando-o difícil campo para a consolidação da confiança mútua. O autor discute as “parcerias frouxas e eminentemente revogáveis” (p. 112) que são estabelecidas na contemporaneidade, ressaltando a fluidez e a transitoriedade que marcam diferentes tipos de vínculos sociais.

Segundo Singly (2007), a fragilidade das uniões aponta para a focalização nas necessidades afetivas de cada um, sendo cada vez menos importante a felicidade da família e cada vez mais importante a felicidade de cada sujeito do grupo. Assim, o eu parece ser mais importante do que o nós, mas sem haver em paralelo uma tendência ao desaparecimento do grupo familiar. Os atos de constituir casal e de constituir família continuam contribuindo para o sujeito atingir reconhecimento social, na medida em que envolvem competências pertinentes ao desenvolvimento do ciclo vital (Ronchi & Avellar, 2011; Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013; Vieira & Stengel, 2010).

O sujeito contemporâneo parece experimentar a ilusão de bastar-se a si próprio, tendendo a ser regido por uma lógica de subjetivação complicada, na medida em que se busca negar as necessidades intersubjetivas inerentes ao ser humano. Tal modelo de subjetivação, por vezes, leva os indivíduos a acreditarem não necessitar de seus pares para a realização de seus desejos e até mesmo a entender os primeiros como possíveis obstáculos ao alcance dos segundos. Nesse contexto, pretende-se pensar a respeito da construção da parentalidade na contemporaneidade, visto que tornar-se pai e mãe tem como implicação o amor a um objeto, para além de uma posição narcisista (Tubert, 1996).

De acordo com Bauman (2004), na contemporaneidade, um filho é, acima de tudo, um objeto de consumo emocional, servindo às necessidades e aos impulsos do consumidor. Ao discorrer sobre os procedimentos de reprodução assistida, o autor atenta para a possibilidade de se escolher um filho através de um catálogo de doadores, da mesma forma que se compra um produto pelo correio em uma revista. Assim, adquire-se uma criança no momento em que se julga adequado, ou abdica-se desta possibilidade, já que ter filhos parece consistir em uma aquisição muito cara. No que diz respeito ao aspecto financeiro relacionado ao fato de ter um filho, Bauman (2004) faz uma comparação com uma hipoteca cujas prestações têm valor desconhecido e serão pagas por tempo indefinido, propondo que tamanho custo leva os jovens contemporâneos a repensarem sobre a relevância de ter filhos, diante de um risco financeiro tão elevado. Ter filhos pode significar a necessidade de diminuição das ambições pessoais, o distanciamento da carreira, e a impossibilidade de adquirir determinados bens de consumo que outrora seriam possíveis. Sobretudo, ter filhos

significa ter alguém que depende de você, comprometendo a autonomia e a independência dos pais, preceitos tão caros na nossa sociedade.

Segundo Bradt (1995), não existe nenhum outro estágio do desenvolvimento familiar que cause mudança mais profunda ou que consista em desafio maior do que a entrada de uma nova criança na família. A transição para a parentalidade é uma das mudanças mais dramáticas do ciclo de vida familiar (Brasileiro, Jablonski & Féres-Carneiro, 2002; Hernandez & Hutz, 2009; Murta, Rodrigues, Rosa, Paulo & Furtado, 2011). Sobre o processo de construção da parentalidade, Szejer (1997) afirma ser necessário renunciar seu próprio lugar de filho para ter um filho - é necessário renunciar um desejo para que se torne possível realizar outro. Segundo a autora, para ter um filho, é necessário que se tenha tanto o desejo de ter um filho como o projeto de ser pai/mãe. O desejo de ter um filho desprovido do projeto de ser pai/mãe aponta para uma não renúncia do seu próprio lugar de filho. Szejer (1997) assinala também a necessidade da articulação dos desejos inconscientes de ambos os pais para que então possam dar origem a um terceiro desejo de vida, o filho.

Os motivos da escolha de ter filhos podem ser muitos, mas, segundo Scavone (2001), há pontos de interseção entre a questão biológica, a questão subjetiva e a questão social. Estão presentes aspectos relacionados à reprodução da espécie, associados à continuidade da própria existência dos pais, à busca de um sentido para a vida, à realização de um desejo, e ao reconhecimento social. Em relação aos aspectos sociais, podem ser encontradas questões referentes às condições econômicas e culturais das famílias de origem e aos projetos profissionais de ambos os cônjuges. A autora ressalta que um dos aspectos mais evidentes na transformação da parentalidade foi o rompimento com seu determinismo biológico, levando à separação entre sexualidade e reprodução. A globalização econômica contribuiu para a rápida difusão dos padrões de consumo, estimulando também o consumo das tecnologias reprodutivas, tanto contraceptivas quanto conceptivas. Neste contexto, ter ou não ter um filho passou a ser uma escolha reflexiva, relacionada a questões subjetivas, sociais e econômicas dos casais. Paradoxalmente, a parentalidade continua a ser afirmada como um forte elemento de cultura e identidade parental pela sua ligação com o corpo e com a natureza.

Na década de 1960, não ter filhos era considerado uma atitude egoísta, devendo o casal ter quantos filhos pudesse. Nos anos 1970 e 1980 surgiu uma força contrária à procriação, pautada na busca do eu: auto-atualização, autopotencial, autorealização (Bradt, 1995). Nesse contexto, homens e mulheres vêm adiando para cada vez mais tarde a vinda do primeiro filho, planejando a concepção próxima ao final de seus ciclos reprodutivos (Nascimento & Térzis, 2010; Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013).

O tempo entre o casamento e o nascimento do primeiro filho aumentou consideravelmente a partir da década de 1980 (Bradt, 1995; Carvalho & Caetano, 2011; Matias, Silva & Fontaine, 2011; Nascimento & Térzis, 2010). Bradt (1995) relaciona esse fenômeno com a dificuldade nas sociedades ocidentais contemporâneas que um casal tem em criar espaço para a chegada de filhos. Na medida em que ambos os cônjuges passaram a ocupar lugares no mercado de trabalho, houve maior desvalorização da esfera doméstica, acarretando em uma desvalorização também da tarefa de criar os filhos. Os jovens contemporâneos parecem cada vez mais se perguntar por que ter filhos, o que o

autor remete à possibilidade de os primeiros não se sentirem à vontade com as responsabilidades que seus pais têm, evitando - ao escolherem não ter filhos - ocupar o lugar dentro da família extensa de quem receberia menos apoio.

Os jovens adultos vivenciam um momento no qual são impelidos a atender a múltiplas demandas, que são muitas vezes contraditórias (Júnior, Feijó, Cunha, Corrêa & Gouveia, 2013; Severiano, 2013). Como consequência, observa-se o adiamento do projeto de ter filhos, resultando na maternidade e na paternidade cada vez mais tardias, sobretudo nas camadas médias da população. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, as exigências sociais em relação à carreira feminina passaram a ocupar lugar de suma importância, e ter um filho passou a ser uma opção e não mais uma etapa naturalizada do ciclo vital. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, a maternidade e a paternidade continuam a ser fortemente concebidas no imaginário social como um ideal a ser alcançado por todos (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013). Há uma herança de papéis de gênero tradicionais nas famílias brasileiras, apesar do discurso igualitário que pode ser observado entre casais contemporâneos. Neste sentido, ao se tratar da parentalidade, o discurso de igualdade de gêneros parece gerar confusão, na medida em que a maternidade e a paternidade encontram-se ainda associadas aos papéis de gênero tradicionais (Brasileiro et al., 2002; Jablonski, 2007; 2010; Júnior et al., 2013).

No que diz respeito à paternidade contemporânea, a ideia de um homem sensível, que se realiza através de seus relacionamentos com sua mulher e seus filhos, envolvido emocionalmente em vínculos permeados por cuidado e afeto, foi fortemente disseminada ao longo da década de 1990 (Brasileiro et al., 2002; Cúnico & Arpini, 2013; Lira & Leão, 2010; Staud & Wagner, 2008). Contudo, esse novo ideal de paternidade parece ser mais uma expectativa do que uma realidade (Brasileiro et al., 2002; Júnior et al., 2013). Na transição para a parentalidade, o pai geralmente carrega suas próprias ansiedades em relação a ter um filho e a ser um bom pai, ao mesmo tempo em que está sentindo ciúmes e culpa pelos seus sentimentos contraditórios. Sendo a ênfase socialmente dada à díade vulnerável formada por mãe e bebê, o pai tem pouca oportunidade para explorar seus sentimentos de terceiro excluído, e dificilmente conseguirá ocupar o lugar socialmente esperado para um bom pai (Cúnico & Arpini, 2013). Contudo, se o pai puder compartilhar seu medo de exclusão com a mãe do bebê, poderá manejar conjuntamente as dificuldades e usufruir melhor da paternidade (Pincus & Dare, 1978).

Neste trabalho, pretende-se discutir a expectativa de jovens adultos frente ao tornar-se pai e mãe na atualidade. Pretende-se analisar o momento apontado pelos jovens como mais adequado para ter um filho, bem como a compreensão que eles têm sobre o projeto de ter filho.

Método

Foi realizado um estudo de campo exploratório sobre a expectativa de jovens adultos frente à parentalidade, utilizando uma metodologia qualitativa, por meio de entrevistas com sujeitos dos segmentos médios da população carioca.

Participantes

Foram entrevistados quatro jovens adultos, oriundos de camadas médias da população carioca, dois homens e duas mulheres, com idades entre 25 e 29 anos, sem filhos. Três dos entrevistados têm nível superior completo e um deles nível superior incompleto. Quanto ao estado civil, os homens eram solteiros, uma mulher era casada, e a outra era separada. A tabela abaixo caracteriza os participantes:

Tabela 1
Perfil dos participantes

Participantes	Sexo	Idade	Profissão	Escolaridade	Estado Civil
H1	Masculino	25	Estudante de Biologia	Superior Incompleto	Solteiro
H2	Masculino	28	Gastrônomo	Superior	Solteiro
M1	Feminino	25	Bióloga	Superior	Casada
M2	Feminino	29	Nutricionista	Superior	Separada

Procedimentos e instrumento

Os entrevistados foram selecionados a partir de contatos informais em diferentes redes de sociabilidade da pesquisadora, sendo três das entrevistas realizadas no ambiente de trabalho dos entrevistados e uma na residência da entrevistadora, por escolha do entrevistado. Os participantes foram informados a respeito dos objetivos da pesquisa, bem como do caráter estritamente confidencial das informações e do sigilo com relação à identidade dos entrevistados. Todos os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas pela pesquisadora, a fim de facilitar a análise das mesmas. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da universidade, sob o Protocolo nº 030/2012.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, baseada em um roteiro previamente elaborado, com perguntas que, durante a entrevista, facilitaram a conversação e serviram como guia na abordagem das questões que se pretendia investigar. Contudo, no decorrer das entrevistas foram inseridas outras perguntas, de acordo com o fluxo da conversação, preservando a espontaneidade de processo. Após a realização das entrevistas, estas foram gravadas e transcritas integralmente. O material foi submetido ao método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011).

Discussão dos resultados

Do discurso dos entrevistados emergiram as seguintes categorias de análise: tempo biológico; estabilidade financeira; o lugar do pai; o momento perfeito para tornar-se pai e mãe.

Tempo biológico

A fala dos entrevistados evidencia uma pseudodisjunção entre os aspectos biológicos e as questões sociais e subjetivas referentes à parentalidade, característica da sociedade ocidental contemporânea.

“eu não sei se eu vou engravidar, eu acho que pela minha idade, eu não sei, eu fico achando as vezes que eu não vou ter filho. Eu acho que até eu encontrar alguém, que não é uma coisa fácil, e casar, estruturar uma relação, uma família, eu já vou ter mais do que... só isso tudo já durou uns cinco anos cara, aí eu já vou estar passando da época já, porque até os 35 é o ideal, depois daí já passa a ser risco. [...] Até 36, 37 vai, mas depois daí? Entendeu? Pra homem por exemplo eu acho que é fácil, meu ex-marido tem 40 anos, vai fazer 41 já [...] e se ele quisesse ter um milhão agora, sair fazendo filho ele pode, porque ele é homem, é mais fácil, agora pra mim não, entendeu?” (M2).

Segundo Scavone (2001), há pontos de interseção entre a questão biológica, a questão subjetiva e a questão social. Contudo, os motivos para a escolha da parentalidade parecem ser conflitantes para os jovens entrevistados. Eles ressaltam que desejam ser pais, mas que as demandas sociais, pouco voltadas para a vida familiar, os desencorajam. Um dos entrevistados refere-se a sociedades nas quais o aspecto biológico parece estar em maior sincronia com as questões sociais.

“E eu acho que toda a questão emocional é diferente também, porque lá você é reduzido numa coisa de espécie mesmo, ali você está perpetuando sua espécie. Você está tendo seu filho ali, é sua cria, justamente é um processo natural. Eu acho que hoje em dia filho, obviamente, é um processo natural, mas a ligação eu acho que é diferente, você tem um filho por outras questões, pra suprir uma necessidade social, não é uma demanda do corpo” (H2).

“pela natureza em si, sem pensar nas questões sociais, educacionais, cidadãos [...] Eu acho que pela natureza em si é a coisa mais perfeita, é aquilo da mulher se realizar, de ter a vontade, de se ver capaz de gerar, de se ver capaz de alimentar aquela criança até que ela cresça, que ela aprenda a andar, aprenda a falar e aprenda a ser independente, sabe?” (M1).

As demandas sociais em diversos âmbitos da vida parecem impulsionar os jovens a postergarem a parentalidade, seja para o casal se estruturar financeira, profissional ou emocionalmente, conforme indicam os estudos de Bradt (1995); Carvalho e Caetano (2011); Matias, Silva e Fontaine (2011), Nascimento e Térzis (2010) e Travassos-Rodriguez e Féres-Carneiro (2013). Nota-se um conflito a respeito da cisão entre o tempo do corpo e as demandas sociais relacionadas a ter filhos. Nas mulheres, a fecundidade começa a declinar aos 30 anos, momento no qual muitas estão tendo seus primeiros filhos ou começando a planejá-los. Por tentarem se adequar a um ideal segundo o qual

devem ter estabilidade financeira e uma carreira profissional bem sucedida antes de ter filhos, os jovens das camadas médias da população carioca têm postergado o projeto de ser pai e mãe. Contudo, nota-se, na fala dos entrevistados, que tal postergação não se dá sem a presença de um conflito. Os jovens entrevistados apontam para um desejo de filhos existente hoje, mas que não deve ser concretizado devido à necessidade de estruturação financeira e emocional antes de serem pais e mães. Porém, apresentam preocupação com a possibilidade de o corpo não mais responder ao desejo de ter filhos no momento em que se considerarem socialmente aptos a constituírem família.

Estabilidade financeira

Ter filhos, segundo a avaliação dos entrevistados, é um investimento muito grande, o que leva os jovens a repensarem a respeito da parentalidade, ou a fixarem um momento ideal para a reprodução, valorizando a consolidação financeira.

“A questão de você poder ter verbas para garantir alimentação, educação, remédios, lazer... financeiramente talvez sim, de você socialmente estar estruturado, tendo um trabalho, tendo uma vida relativamente estável”. (M1)

“você sabe que se você tiver vai ser uma barra por várias questões, porque um filho hoje custa muito caro, você já nasce custando muito, muito louco, sociedade muito louca”. (H2)

As falas dos entrevistados apontam para o que Bauman (2004) postula a respeito dos filhos como objetos de consumo emocional. Os jovens contemporâneos parecem refletir sobre a relevância de ter filhos, já que ter uma criança significa assumir uma despesa de valor desconhecido por tempo indefinido.

“tirando a parte de violência urbana, mais essa parte de educação, eu não sei também se é viável por outro motivo: custo de vida”. (H1)

Ter um filho pode significar um distanciamento da carreira ou a impossibilidade de adquirir bens que sem ele seriam mais acessíveis. A preocupação com a questão financeira é evidenciada na fala de todos os entrevistados.

“Tem a dificuldade financeira de não ter um emprego estável, só que a vontade é muito grande”. (M1)

“Porque mesmo que a criança ainda esteja na sua barriga você gasta com hospital, com médico, plano de saúde, remédio, e quer fazer enxoval, você quer o melhor pro seu bebê”. (M2)

Em uma das falas, o jovem chega a se questionar sobre ter ou não filhos, e em todas fica evidente a necessidade de estabilidade financeira como condição essencial para a reprodução, corroborando com as postulações de Bauman (2004) sobre o risco tão elevado de ter filhos, posto que os gastos financeiros com a criança tendem a significar uma diminuição das ambições pessoais

dos pais. Pode-se pensar a respeito da instabilidade dos laços afetivos na contemporaneidade e seu possível encobrimento por meio do argumento socioeconômico. Ter um filho significa ter um laço permanente com uma pessoa, o que pode ser angustiante em uma sociedade pautada em relacionamentos frágeis. Na medida em que se tem um filho, estabelece-se que a relação conjugal pode acabar, mas o casal parental não se dissolverá mais. O receio relacionado às possibilidades de manter uma estabilidade financeira, que garanta o provimento familiar e as ambições de consumo, parece acarretar em um constante acréscimo de um ideal profissional a ser alcançado e na consequente postergação da parentalidade. Contudo, deve-se levar em consideração também a possível dificuldade dos jovens em estabelecer um laço que trás consigo a continuidade do vínculo.

O lugar do pai

Na fala dos homens entrevistados, surgiram dúvidas e inquietações com relação a ter filhos, considerando as condições adversas do mundo contemporâneo.

“Quando eu era mais jovem eu pensava mais em ter filhos, casar, ter filhos e tal. Hoje em dia eu já não tenho tanta certeza, eu já tenho mais receio, não por mim, mas pelo mundo que a gente vive”. (H1)

“eu já pensei em não ter filhos por causa do mundo, mas não é por aí também não. Acho importante.” (H2)

Além de garantir segurança física e provimento financeiro, atribuições tradicionais de um pai, o homem contemporâneo tem também como atribuição o cuidado emocional da díade mãe-bebê. Tal acúmulo de valores, já assinalado por Jablonski (2007; 2010), parece ter gerado um peso social em relação à paternidade, pois se espera dos pais que sejam protetores em um momento em que também passam por muitos conflitos. Ao mesmo tempo em que se espera proteção e provimento, se espera também flexibilização e cuidado, estabelecendo um ideal dificilmente alcançado. Nesse sentido, percebe-se uma idealização do projeto parental na fala dos entrevistados, que apontam a paternidade como uma grande realização, inclusive emocional, evidenciando uma valorização da afetividade paterna.

“ser pai eu imagino que deve ser, assim, considerando que a nossa função na vida é deixar descendentes, então é a melhor realização que a gente tem”. (H1)

“depois que você tem um filho você enxerga as coisas diferentes, você consegue ver coisas que antigamente você não conseguia, não sei, acho que você entende melhor os seus pais, você se entende melhor, você se conhece mais, seu filho faz você se conhecer melhor, tem muito disso também. O que mais que eu posso acrescentar...Só quando eu tiver um filho mesmo, essa é minha ideia, mas só quando eu tiver um filho eu vou poder responder essa pergunta melhor”. (H2)

Na fala das mulheres, observa-se também grande valorização dos aspectos afetivos da paternidade, atribuindo sensibilidade à figura do pai e exaltando os vínculos de cuidado e afeto que deveria estabelecer com sua mulher e com seus filhos, como assinalado por Brasileiro et al. (2002), Lira e Leão (2010), Staud e Wagner (2008) e Cúnico e Arpini (2013).

“E ele [o marido] com criança é incrível. Ele vira um criança, mas ao mesmo tempo é muito responsável, chega a ser chato de tão responsável que é. [...]E ele é do tipo que ajuda a tomar conta, ajuda a dar mamadeira, trocar fralda, levar na escola, buscar na escola”. (M1)

“eu acho que desde a gravidez, desde a gestação essa formação familiar, a mãe ter o seu lar, seu marido por perto, eu acho que dá uma estrutura, eu acho que daria uma base”. (M1)

Ao mesmo tempo, as preocupações com as adversidades do mundo influenciando na decisão sobre ter filhos apareceram somente nas falas dos homens entrevistados, apontando para uma possível interferência dos papéis de gênero tradicionais, como postularam Brasileiro et al. (2002) e Jablonski (2007; 2010).

“receio, não por mim, mas pelo mundo que a gente vive. Hoje em dia eu tenho muito mais receio em ter filhos pelo mundo que a gente vive, pela violência urbana que a gente vive”. (H1)

“A gente já está em sete bilhões, deve ter passado disso, então eu vejo que a gente já tem gente demais, não precisa colocar mais gente no mundo. Então, se for pra ter filho, no máximo dos máximos dois, parou, não tem mais, porque senão... tanto o custo de vida quanto pela, pelo próprio andar da carruagem do desenvolvimento humano, da questão da água, da questão do meio ambiente, eu acho que isso pesa muito, o planeta que vai ficar”. (H1)

Na fala dos entrevistados, observa-se uma preocupação com o ambiente no qual os filhos vão crescer, com a segurança física e financeira da família, uma preocupação tradicionalmente masculina - a garantia de segurança e provimento - evidenciando a predominância de papéis de gênero tradicionais relacionados à parentalidade, ao mesmo tempo em que é percebida também a valorização da afetividade paterna. Nesse sentido, nota-se um acúmulo de valores. Aos pais não deixou de ser atribuída a responsabilidade pela segurança e pela estabilidade financeira da família, mas passou a ser também sua função o cuidado afetivo e emocional tanto do bebê como da mãe do bebê.

Momento perfeito para tornar-se pai e mãe

A dificuldade em criar espaço para a chegada de filhos aparece diversas vezes nas falas dos entrevistados, travestida de uma idealização do momento perfeito para ter filhos. Os jovens parecem almejar estabilidade em todos os aspectos da vida para, então, pensarem em se tornar pais e mães.

“ter filhos é uma coisa que tem que ser planejada, não necessariamente tal dia eu vou ter filho, não, mas você tendo uma situação de vida estável, um emprego, uma casa, uma vizinhança boa,

um companheiro, uma esposa né no meu caso confiável, que você veja que com aquela pessoa você pode construir uma família, aí sim você pode começar a pensar nisso, antes não” (H1).

“não só a formação do físico, mas psicológica, social, mental, de valores. Não posso ter filhos antes de ter minha casa, não posso ter filhos antes de casar, eu não queria isso pra mim, sabe? Ah, não quero ter filhos estando na faculdade e estudar, tendo que carregar tudo ao mesmo tempo [...] ter uma casa, uma casa tranquila, de sempre que possível ter um marido, ter um parceiro, ter uma família formada” (M1).

O planejamento familiar com ênfase na estabilidade profissional, afetiva e financeira ressalta a centralidade dos objetivos individuais, corroborando com o movimento possivelmente contrário à procriação e pautado na busca do eu, apontado por Bradt (1995); Carvalho e Caetano (2011); Matias, Silva e Fontaine (2011) e Nascimento e Térzis (2010). A parentalidade modifica o equilíbrio anteriormente existente entre trabalho, vida social e vida afetiva, e o filho passa a demandar grande parte do tempo dos pais. Por esse motivo, parece haver no discurso dos jovens uma necessidade de cumprir certos objetivos financeiros, profissionais e amorosos antes de ter um filho, remetendo à ideia de que a criança poderia ser um empecilho ao alcance de tais realizações.

“primeiro se forma, primeiro tem a casa, primeiro casa” (M1).

“... eu acho que filho dá trabalho, tira mesmo a liberdade, pelo menos no começo, ainda mais se você não tem um apoio assim da família de ficar com seu filho, não tem ninguém, é só você e seu marido, tira sua liberdade. E eu acho que você tem que saber o momento certo, porque, por exemplo, uma pessoa com 20 anos vai engravidar, eu acho que não vai aproveitar nada da vida assim, depois que estiver mais velha vai sentir falta e vai faltar isso na vida, aí eu não acho legal não, acho que a pessoa tem que aproveitar [...] já terminar a faculdade, já ter um emprego, já estar mais estruturado, porque dá muito trabalho”. (M2)

Alguns jovens ressaltaram a necessidade de atingir maturidade emocional na transição para a parentalidade. Esta parece consistir-se em mais uma etapa a ser alcançada antes de ter um filho, remetendo à possibilidade de chegar a um momento no qual se estaria pronto para ser pai e mãe.

“sempre tem um momento adequado, psicologicamente, financeiramente... acho que é isso, a combinação dos dois. Porque não adianta, você pode ter muito dinheiro e não ter uma cabeça pronta naquele momento e ser um desastre” (H2).

“e... mentalmente, psicologicamente. Ter essa maturidade de reger aquela vida de repente”. (M2)

Possivelmente, a idealização sobre o momento perfeito para ter filhos aponta para a dificuldade de renunciar aos próprios desejos e ao próprio lugar de filho, como postula Szejer (1997). Para ter um filho é necessário passar de uma posição narcisista para o amor a um objeto externo ao ego, o que parece ser mais complexo nas sociedades ocidentais contemporâneas. A focalização nas

necessidades afetivas de cada um, resultando na fragilidade nas relações, da qual tratam diversos autores (Bauman, 2004; Giddens, 1993; Lino, 2009; Rodrigues & Abeche, 2010; Singly, 2007; Vieira & Stengel, 2010), parece propiciar a construção, nos jovens, de uma idealização excessiva sobre o momento perfeito para se tornarem pais e mães, dificultando a passagem do lugar de filhos para o lugar de pais.

Considerações finais

O nascimento de um bebê, assim como todo evento que marca as transições de estágio no ciclo de vida familiar, gera instabilidade, enfatizando as questões de gênero e os sentimentos decorrentes da parentalidade no relacionamento conjugal. Os jovens, atualmente, parecem ter receios quanto a esse momento que deflagra a diferença entre os sexos, na medida em que mobiliza homens e mulheres criados em contexto igualitário. Ter um filho parece implicar em dificuldades para o sujeito contemporâneo também porque gera uma diminuição do investimento na carreira profissional e implica em alto custo financeiro, restringindo o poder aquisitivo daqueles que se tornam pais.

Nas sociedades contemporâneas, sobretudo nas camadas médias, delineou-se um modelo idealizado de parentalidade, que valoriza que ambos os pais sejam provedores e cuidadores o suficiente para que, mesmo individualmente, tenham a possibilidade de suprir as necessidades do filho. A fragilidade dos laços conjugais parece contribuir para um receio de que em algum momento se possa estar sozinho na educação dos filhos, devido à alta incidência de separações conjugais. A difícil delimitação entre casal parental e casal conjugal (Magalhães, 2009), dessa forma, afeta o desejo de ter filhos.

Considera-se que, como a dissolução dos relacionamentos conjugais é bastante presente nas sociedades ocidentais atuais, os jovens acabam buscando alcançar uma estabilidade ideal, na qual cada pai individualmente poderia garantir a educação e o provimento integral dos filhos sozinho. Nesse sentido, a sociedade acaba por exigir dos pais maior envolvimento afetivo com os filhos, com mais tempo de dedicação e cuidado aos mesmos, na mesma medida em que valoriza o trabalho em tempo integral, com objetivo de constante ascensão financeira.

Conclui-se que os jovens internalizam diferentes modelos de relação entre gêneros ao longo de seu desenvolvimento e, quando adultos, são confrontados com prescrições e demandas sociais conflitantes, repletas de ambiguidade. Os jovens contemporâneos vivenciam um conflito entre ter filhos no “tempo biológico” e arcar com prejuízos financeiros, ou trabalhar excessivamente para garantir o futuro provimento familiar e correr riscos de não conseguir mais ter filhos. Tal paradoxo parece afetar diretamente a construção da parentalidade na atualidade, assim como os modelos de família.

Referências

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bradt, J.O. (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In: Carter, B. & McGoldrick, M. (orgs) *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Brasileiro, R., Jablonski, B., Féres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternalidade e a questão da tradicionalização. *Psico*, 33(2), 289-310.
- Carvalho, J. & Caetano, A. B. (2011). Ser pai e mãe depois dos 30 anos: Motivações parentais. In *ESEP - Saúde e qualidade de vida: uma meta a atingir*. Porto: UNIESEP.
- Cúnico, S. D. & Arpini, M. D. (2013). A família em mudanças: Desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando Famílias*, 17(1), 28-40.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Hernandez, J. A. E.; & Hutz, C.S. (2009). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40(4), 414-421.
- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: A difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In T. Féres-Carneiro (org.). *Família e casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Júnior, E. G.; Feijó, M. R.; Cunha, E.V.; Corrêa, B. J. & Gouveia, P. A. E. S. (2013). Exigências familiares e do trabalho: Um equilíbrio necessário para a saúde de trabalhadores e organizações. *Pensando Famílias*, 17(1), 110-122.
- Lino, M. V. (2009). A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. *IGT na Rede*, 6(10). Retirado em 10/09/2013 do IGT: <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=240&layout=html>
- Lira, J. & Leão, L. (2010). Homens e cuidado: uma outra família? In A. Acosta & M. Vitale (orgs). *Família: Redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Magalhães, A. S. (2009) Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. In T. Féres-Carneiro (org.) *Casal e família: Permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Matias, M.; Silva, A.; & Fontaine, A. M. (2011). Conciliação de papéis e parentalidade: Efeitos de gênero e estatuto parental. *Exedra*, 5, 57-76.
- Murta, S. G; Rodrigues, A. C.; Rosa, I. O.; Paulo, S. G.; Furtado, K. (2011). Avaliação de necessidades para a implementação de um programa de transição para a parentalidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), 337-346.
- Nascimento, F. & Térzis, A. (2010). Adiamento do projeto parental: Um estudo psicanalítico com casais que enfrentam a esterilidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 103-124.
- Pincus, L. & Dare, C. (1978). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- Rodrigues, A. A. & Abeche, R. P. C. (2010). As multifaces da instituição família "forma-atadas" por sistemas econômicos. *Psico*, 41(3), 374-384.
- Ronchi, J. P. & Avellar, L. Z. (2011). Família e o ciclo vital: A fase de aquisição. *Psicologia em Revista*, 17(2), 211-225.

- Scavone, L. (2001). Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), 47–60.
- Severiano, M. F. V. (2013). A juventude em tempos acelerados: Reflexões sobre consumo, indústria cultural e tecnologias informacionais. *Política e Trabalho*, 38, 271-286.
- Singly, F. (2007). *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Staud, A. C. P. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.
- Szejer, M. (1997). *Nove meses na vida da mulher*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Travassos-Rodriguez, F. & Féres-Carneiro, T. (2013). Maternidade tardia e ambivalência: Algumas reflexões. *Tempo Psicanalítico*, 45(1), 111-121.
- Tubert, S. (1996). *Mulheres sem sombra: Maternidade e novas tecnologias reprodutivas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Vieira, E. D. & Stengel, M. (2010). Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós- Modernidade. *Aletheia*, 32, 147-160.

Endereço para correspondência

mariana.g.matos@hotmail.com

andream@puc-rio.br

Enviado em 13/11/2013

1ª revisão em 27/06/2014

Aceito em 02/07/2014

Tabela 1

Perfil dos participantes

Participantes	Sexo	Idade	Profissão	Escolaridade	Estado Civil
H1	Masculino	25	Estudante de Biologia	Superior Incompleto	Solteiro
H2	Masculino	28	Gastrônomo	Superior	Solteiro
M1	Feminino	25	Bióloga	Superior	Casada
M2	Feminino	29	Nutricionista	Superior	Separada